



Eixo 1 – Não deixe ninguém para trás

Pedagogia das Encruzilhadas como base para um Modelo de Classificação Afrocentrado: proposta para bibliotecas Quilombolas e Comunitárias

Pedagogy of the Crossroads as a basis for an Afrocentric classification model: a proposal for quilombola and community libraries

Cristina Garcia – Universidade do Estado de São Paulo (USP) –
sandracristinamoreirag@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa qualitativa apresenta uma proposta de Modelo de Classificação Afrocentrado para bibliotecas quilombolas e comunitárias. A partir de uma pesquisa bibliográfica e documental baseada na Pedagogia das Encruzilhadas de Luiz Rufino e em epistemologias negras, o estudo realiza uma análise crítica e comparativa da Classificação Decimal de Dewey (CDD). Como resultado, propõe-se uma estrutura em sete eixos temáticos que visibilizam saberes ancestrais, matripotências e territórios de luta. Dessa forma, conclui-se que a reorganização de acervos sob essa ótica decolonial ressignifica a prática classificatória como ato político de cuidado, fortalecendo a justiça epistêmica e a soberania intelectual das comunidades.

Palavras-chave: Classificação Afrocentrada. Bibliotecas Quilombolas. Organização do Conhecimento. Epistemologias Negras. Pedagogia das Encruzilhadas.

Abstract: This qualitative research presents a proposal for an Afrocentric Classification Model for quilombola and community libraries. Based on a bibliographic and documentary research grounded in Luiz Rufino's Pedagogy of the Crossroads and Black epistemologies, the investigation performs a critical and comparative analysis of the Dewey Decimal Classification (DDC). As a result, it proposes a structure in seven thematic axes that visibilize ancestral knowledge, matripotencies, and territories of struggle. Thus, it concludes that reorganizing collections under this decolonial perspective resignifies classificatory practice as a political act of care, strengthening epistemic justice and the intellectual sovereignty of communities.

Keywords: Afrocentric Classification. Quilombola Libraries. Knowledge Organization. Black Epistemologies. Pedagogy of the Crossroads.



1 INTRODUÇÃO

A organização do conhecimento em bibliotecas historicamente reflete paradigmas eurocêntricos que invisibilizam saberes e epistemologias não ocidentais. Conforme apontam Quijano (2005) e Almeida (2022), as estruturas de classificação e ordenação documentais operam como instrumentos de reprodução da colonialidade do saber, relegando as cosmologias e memórias de povos tradicionais e minorizados às margens dos sistemas oficiais de informação.

No Brasil, essa lógica excludente impacta diretamente comunidades quilombolas e bibliotecas comunitárias, espaços que são, por essência, territórios de preservação da memória, da oralidade e da resistência negra. Embora a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC, 2024) articule mais de 115 unidades, a presença de 1,3 milhão de pessoas quilombolas (IBGE, 2022) revela um cenário de subnotificação que exige uma gestão dos saberes pautada em protocolos éticos e na justiça representativa. Iniciativas como a Biblioteca Quilombola Yara Luzia dos Santos (ES) e a Biblioteca do Quilombo Manzo (MG) salvaguardam acervos de protagonismo negro que entram em conflito com a rigidez colonial de sistemas como a Classificação Decimal de Dewey (CDD).

Apesar do crescimento das discussões sobre racismo epistêmico na Ciência da Informação, a consolidação de instrumentos técnicos voltados para a justiça cognitiva em acervos comunitários localizados em territórios tradicionais ainda se apresenta como um desafio teórico e prático. Este princípio, conforme discutido na literatura decolonial, fundamenta-se justamente no reconhecimento da pluralidade de saberes e na coexistência de diferentes matrizes de conhecimento (Santos, 2019).

Diante dessa problemática, emerge a seguinte questão norteadora: **como reestruturar os processos de indexação e classificação bibliográfica de modo a respeitar a circularidade e a ancestralidade de acervos comunitários e quilombolas?**

A urgência em responder a esse questionamento justifica-se pela necessidade de subsidiar a prática bibliotecária com ferramentas que superem o inventário estático eurocêntrico, garantindo a soberania informacional das próprias comunidades sobre seus saberes.

Com o intuito de preencher essa lacuna, este artigo tem como objetivo geral



propor as bases conceituais para um Modelo de Classificação Afrocentrado, fundamentado na Pedagogia das Encruzilhadas de Luiz Rufino (2019). Esta perspectiva compreende o saber como experiência plural e viva, rompendo com hierarquias lineares para enfatizar a circularidade, a ancestralidade e a corporeidade. Tal transição do olhar técnico para o compromisso político encontra eco na superação do império cognitivo (Santos, 2019), onde classificar torna-se um ato de reexistência.

Essa prática ancora-se em uma genealogia de resistência iniciada por Dorothy Porter Wesley que, desde a década de 1930, denunciou a subordinação do conhecimento negro em sistemas tradicionais, estabelecendo uma contramemória bibliográfica que validou identidades marginalizadas (Silva et al., 2021; Trapp, 2021).

A proposta de ruptura com a hegemonia eurocêntrica também dialoga com o conceito de amefricanidade de Lélia Gonzalez (2020), que afirma as práticas culturais da diáspora e as epistemologias do terreiro e da oralidade contra os mecanismos de invisibilização. Esse movimento de retorno ao centro é sistematizado pela afrocentricidade de Molefi Kete Asante (2009), que propõe o deslocamento da narrativa colonial para colocar a experiência africana como eixo de interpretação e produção do saber. Complementarmente, Abdias Nascimento (1997) e Petronilha Silva (2007) reforçam a valorização das matrizes africanas e da identidade negra como condições essenciais para a emancipação política e intelectual no Brasil.

Dessa forma, a adoção de uma classificação afrocentrada ultrapassa a organização técnica; trata-se de uma gestão da memória que acolhe a corporeidade e a oralidade como eixos estruturantes, transformando a biblioteca em um território dinâmico de conexões e justiça epistêmica.

Para fundamentar metodologicamente e dar materialidade analítica a essa transição, o percurso investigativo desta pesquisa detalha os critérios de construção dessa matriz conceitual na seção a seguir.

2. METODOLOGIA

Esta investigação caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e exploratória, de caráter bibliográfico e propositivo (Gil, 2008; Severino, 2007). O percurso analítico foi estruturado em três etapas sistemáticas, orientadas pelo compromisso político da



Biblioteconomia Negra (Silva, 2023) em oferecer uma alternativa aos sistemas eurocentrados para aplicação prática em acervos comunitários e quilombolas.

A primeira etapa consistiu na seleção e levantamento do corpus teórico, focado na literatura nacional e internacional que discute o racismo epistêmico, a classificação bibliográfica e os apagamentos nos sistemas tradicionais (CDD/CDU). Adotou-se o mapeamento crítico de produções teóricas referenciadas pelo pensamento decolonial e pela crítica bibliográfica contemporânea. Como critério de seleção epistemológica, priorizaram-se livros, capítulos e artigos científicos que problematizam as estruturas de poder na Organização do Conhecimento; em contrapartida, delimitou-se a exclusão de manuais estritamente instrumentais que reduzem a prática classificatória a uma neutralidade técnica universalizante.

Na segunda etapa, o material selecionado foi submetido à Análise de Conteúdo, o que permitiu organizar e categorizar as convergências teóricas encontradas. A definição dos eixos analíticos apresentados nos Quadros 2 e 3 partiu da articulação direta entre as categorias de localização da Afrocentricidade (Asante, 2009) e os operadores conceituais da Pedagogia das Encruzilhadas (Rufino, 2019), focando especificamente na circularidade, na ancestralidade e na corporeidade.

Por fim, a terceira etapa consistiu na modelagem propositiva, em que as articulações conceituais foram traduzidas nas bases conceituais para o modelo afrocentrado aqui defendido.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

Ao potencializar as bibliotecas como territórios de cuidado e soberania informacional, a classificação deixa de ser um inventário estático para consolidar-se como instrumento de justiça cognitiva. Conforme Silva e Rocha (2021), as práticas classificatórias nestes espaços devem respeitar as dinâmicas locais e as vivências coletivas que sustentam o território. Para materializar essa proposta, o Quadro 1 estabelece o contraste fundamental entre a lógica eurocentrada e a ruptura afrocentrada aqui defendida.



Quadro 1 – Síntese Comparativa entre a Classificação Eurocentrada e o Modelo Afrocentrado

Dimensões de Análise	Modelo Eurocêntrico (Ex: CDD)	Modelo de Classificação Afrocentrado
Matriz Epistemológica	Baseada na colonialidade do saber e na hegemonia ocidental/branca.	Fundamentada em epistemologias negras, saberes ancestrais e na <i>Aisthesis</i> negra.
Eixo de Centralidade	Perspectiva eurocristã como padrão universal de referência.	África e Diáspora como eixos de interpretação e produção do saber.
Mediação da Oralidade	Exclusão ou subalternização da oralidade frente ao registro escrito.	Centralidade da oralidade como tecnologia legítima de memória e saber.
Estrutura Lógica	Arquitetura rígida, linear, dicotômica e hierárquica.	Lógica rizomática, circular e pluriversal (Pedagogia das Encruzilhadas).
Representação Terminológica	Invisibilização ou uso de termos estigmatizantes e genéricos.	Protagonismo terminológico com categorias dignas, próprias e representativas.
Finalidade Política	Pretensa neutralidade técnica na organização da informação.	Prática emancipatória, afetiva e de soberania intelectual e territorial.

Fonte: Elaborado pela autora (2025) com base em Asante (2009) e Rufino (2019)

O Modelo de Classificação Afrocentrado aqui proposto estrutura-se a partir de sete eixos temáticos que emergem do procedimento metodológico de Análise de Conteúdo operado sobre o corpus, resultando em um diálogo sensível entre a produção intelectual negra e as vivências quilombolas. Esta sistematização não se limita a uma técnica de catalogação; ela se insere no campo da educação das relações étnico-raciais (Silva, 2007), compreendendo a Organização do Conhecimento (OC) não como uma estrutura técnica neutra, mas como um ato pedagógico e político de representação do ser.

A sustentação teórica e metodológica que subsidiou a construção desses eixos reside na articulação direta entre as categorias de localização da Afrocentricidade (Asante, 2009) e os operadores conceituais da Pedagogia das Encruzilhadas (Rufino, 2019), perspectiva que permite abandonar a linearidade eurocêntrica em favor da circularidade ancestral. Na encruzilhada, o conhecimento não é algo estático ou arquivado em uma hierarquia de importância, mas sim um ponto de encontro. Ao transpor essa lógica para a biblioteca comunitária e quilombola, o espaço passa a operar através da "exunidade", onde os saberes não se excluem, mas se cruzam. Sob essa ótica, um registro de história oral sobre ervas medicinais, por exemplo, pertence simultaneamente aos campos da cura, da ancestralidade e da espiritualidade, validando a pluriversalidade das vivências negras contra o monologismo técnico



tradicional.

Nesse sentido, a definição empírica e conceitual de cada eixo buscou refletir as subjetividades e tecnologias que sustentam a vida no território. O primeiro eixo, Saberes Ancestrais, agrupa tecnologias tradicionais e mitologias transmitidas entre gerações. A Oralidade e Tradição foca na voz, no canto e no ritmo como registros fundamentais de memória. Os Territórios de Luta voltam-se à resistência política e ao direito à terra, enquanto as Cosmologias e Espiritualidades acolhem o conceito de Axé e as religiões de matriz africana. A Memória e Resistência organiza biografias coletivas e arquivos comunitários; as Infâncias Negras promovem o protagonismo lúdico e a autoafirmação; e, por fim, o eixo Mulheres Negras e Gênero reconhece as mulheres como matripotências e guardiãs centrais do saber.

Essa estrutura flexível, fundamentada na "amefricanidade" (Gonzalez, 2020), permite que a biblioteca deixe de ser um depósito estático para se tornar um território de cuidado. A relevância de eixos específicos como os de gênero e infância reside na urgência de romper com a estigmatização dos corpos negros, deslocando-os do estigma do problema social para o lugar de produtores de saber e cultura. O Quadro 2 detalha a aplicação prática desta proposta.

Quadro 2 - Estrutura do Modelo de Classificação Afrocentrado

Eixo Temático	Descrição	Exemplos Práticos de Classificação
Saberes Ancestrais	Tecnologias e conhecimentos transmitidos entre gerações negras que sustentam o bem-viver.	Livros sobre Griôs; Manuais de medicina tradicional e ervas; Mitologias africanas.
Oralidade e Tradição	A voz, o canto, o ritmo e os rituais como tecnologias de saber e transmissão de memória.	Registros de contos orais da comunidade; Cantigas de roda; Áudios de história oral.
Territórios de Luta	O quilombo e a periferia como centros de resistência política e preservação territorial.	Obras sobre Palmares; Dossiês de direitos territoriais; Mapas de memórias locais.
Espiritualidade Afro-Brasileira	Cosmologias negras, religiões de matriz africana, o conceito de Axé e o sagrado.	Obras sobre Candomblé, Umbanda e Reinados; Registros de festividades religiosas.
Memória e Resistência	Preservação de trajetórias individuais e coletivas como ato político contra o apagamento.	Álbuns de fotografias comunitárias; Relatos de lideranças locais; Biografias negras.
Infâncias Negras	Vivências, ludicidade e direitos das crianças negras a partir do protagonismo e autonomia.	Literatura infantil afro-brasileira; Jogos de matriz africana (ex: Mancala); Brinquedos artesanais.
Mulheres Negras e Gênero	Centralidade das mulheres como guardiãs do saber, articulando cuidado, resistência e ancestralidade.	Obras de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus; Histórias de mulheres quilombolas.

Fonte: Elaborado pela autora (2025) com base em Asante (2019) e Rufino (2009)



3.1 ANÁLISE CRÍTICA DO MODELO CDD E CONTRIBUIÇÕES DO MODELO

AFROCENTADO

A Classificação Decimal de Dewey (CDD) apresenta limitações severas em contextos quilombolas por derivar de uma matriz que opera silenciamentos epistemológicos (Silva, 2023). Em contraposição, o modelo aqui proposto combate esses apagamentos ao reconhecer a amefricanidade como centro ordenador, retirando saberes negros de categorias genéricas ou "folclóricas". O Quadro 3 estabelece o contraponto direto entre o tratamento eurocêntrico e a proposta de ruptura fundamentada nas epistemologias negras.

Quadro 3 – Comparativo entre o Modelo Eurocêntrico (CDD) e o Modelo de Classificação Afrocentrado

Eixo Temático	Tratamento na CDD (Lógica Eurocentrada)	Proposta de Ruptura (Lógica Afrocentrada)
Saberes Ancestrais	Enquadrados na classe 398 (Folclore) ou 390 (Costumes), o que deslegitima o status de ciência/tecnologia.	Reconhece o saber como tecnologia de sobrevivência e base do conhecimento comunitário.
Oralidade e Tradição	Marginalizada em relação à cultura escrita. Quando aparece, é como literatura oral na classe 800.	Eleva a voz ao status de suporte documental legítimo, central para a transmissão da memória.
Territórios de Luta	Fragmentados entre 900 (Geografia/História) e 320 (Ciência Política), sem conexão com a ancestralidade.	Centraliza o território como espaço de reexistência e direito originário, unindo história e política.
Espiritualidade	Alocada na classe 299 (Outras Religiões), estabelecendo uma relação de periferia com o cristianismo (200-280).	Posiciona a espiritualidade como Cosmovisão/Axé, um modo de sentir e estar no mundo que atravessa tudo.
Memória e Resistência	Tratada na classe 900 (História), muitas vezes sob a ótica do "vencido" ou focada apenas na escravidão (326).	Foca na biografia coletiva e na agência negra, transformando a memória em ferramenta de luta no presente.
Infâncias Negras	A literatura (800) e a educação (370) são majoritariamente brancas; o negro é tema de "problema social".	Garante o protagonismo e a ludicidade, descolonizando o acervo de estereótipos e promovendo a autoafirmação.
Mulheres Negras	Invisibilizadas ou diluídas em 305 (Grupos Sociais), sem o recorte de interseccionalidade raça/gênero.	Coloca a mulher negra como matripotência e guardiã do acervo, articulando resistência e cuidado.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Rufino (2019) e CDD (23ª ed.).

A análise comparativa evidencia que o enquadramento de saberes ancestrais na



classe 398 (Folclore) da CDD não é um erro técnico isolado, mas uma estratégia de subalternização do conhecimento. Ao alocar a espiritualidade de matriz africana em **Outras Religiões**, o sistema eurocêntrico estabelece uma hierarquia sagrada que privilegia a cosmovisão cristã, relegando o Axé à periferia do saber. O modelo afrocentrado aqui defendido propõe a espiritualidade não como um tópico isolado, mas como uma transversalidade que orienta o modo de estar no mundo, transformando a prática classificatória em um instrumento de combate ao racismo religioso e de reparação histórica nas unidades de informação.

O confronto apresentado demonstra que o Modelo Afrocentrado ressignifica as práticas de mediação e organização do conhecimento ao enraíza-las no território e na ancestralidade. A classificação deixa de ser um inventário colonial para consolidar-se como um ato político de reexistência cultural e soberania informacional. Portanto, a ruptura com o modelo eurocêntrico de Dewey não é apenas uma reorganização técnica, mas uma estratégia de encantamento do saber.

Ao retirar a história negra da ótica do **vencido**, o Modelo Afrocentrado opera o que Rufino (2019) define como a reexistência frente aos mecanismos coloniais de descaracterização. Trata-se de operacionalizar uma biblioteconomia que reconhece a exunidade dos saberes: uma prática que não apenas guarda suportes físicos, mas que reverbera a vitalidade do corpo-arquivo e a pluralidade das encruzilhadas. Ao consolidar-se como um ato político, essa proposta oferece às bibliotecas comunitárias e quilombolas a oportunidade de se tornarem centros de soberania, onde o saber ancestral é validado como ciência de terreiro e tecnologia de sobrevivência.

4. CONCLUSÃO

Este estudo cumpriu seu objetivo ao demonstrar que a organização do conhecimento nas bibliotecas não é neutra, mas um campo de disputa epistemológica. A análise crítica da CDD respondeu ao problema de pesquisa ao revelar que sua estrutura eurocêntrica silencia os territórios quilombolas, relegando o saber negro à marginalidade científica. Em contrapartida, o Modelo de Classificação Afrocentrado proposto validou-se como instrumento de soberania informacional e reparação



histórica. Fundamentado na Pedagogia das Encruzilhadas e na Amefricanidade, o modelo alcançou a meta de romper com o monologismo técnico, provando que a adoção de eixos baseados na oralidade, matripotência e ancestralidade transforma a biblioteca em um território de cuidado e justiça epistêmica.

Como limitação, este trabalho consistiu em uma modelagem teórica e conceitual inicial, sem a aplicação empírica imediata em um acervo físico. Para estudos futuros, encaminha-se a necessidade de implementar o modelo em bibliotecas comunitárias e quilombolas, avaliando a recepção dos usuários e a catalogação prática dos suportes locais.

Classificar a partir da encruzilhada é um ato de insurgência bibliográfica; ao consolidar a corporeidade como centro ordenador, este modelo garante que a biblioteca atue como um quilombo informacional, onde a memória viva resiste ao apagamento e a soberania se torna prática cotidiana.

REFERÊNCIAS

Almeida, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2022.

Asante, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. *In*: Nascimento, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110. (Coleção Sankofa, v. 4).

Classificação Decimal de Dewey: e índice relativo. 23. ed. Dublin, Ohio: OCLC, 2011.

Gil, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Gonçalves e Silva, Petronilha Beatriz. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 30, n. 3, p. 489-506, set./dez. 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/2745>. Acesso em: 28 abr. 2026.

Gonzalez, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organização: Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022**: Quilombolas: Primeiros resultados de universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 28 abr. 2026.

Nascimento, Abdias. A luta pela valorização da cultura afro-brasileira. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 25, p. 94-106, 1997. Disponível em:



<http://docvirt.com/docreader.net/WebIndex/WIPagina/RevIPHAN/8931>. Acesso em: 29 abr. 2026.

Quijano, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: Lander, Edgardo (org.). **A comunalidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias. **Quem somos: o que é a RNBC.** [S. l.]: RNBC, 2024. Disponível em: <https://rnbc.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 29 abr. 2026.

Rufino, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

Santos, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul.** Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

Severino, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

Silva, Franciéle Carneiro Garcês da. **Biblioteconomia negra: das epistemologias negro-africanas à teoria crítica racial.** Rio de Janeiro: Malê, 2023.

Silva, Franciéle Carneiro Garcês da. **Epistemologias Negro-Africanas em Biblioteconomia e Ciência da Informação: um olhar a partir da Teoria Crítica Racial.** 2023. 350 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

Silva, Franciéle Carneiro Garcês da; Rocha, Marcelo. Biblioteconomia Negra no Brasil: por uma prática profissional antirracista. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, p. 1-24, 2021.

Silva, Franciéle Carneiro Garcês da *et al.* Dorothy Porter Wesley e a Organização do Conhecimento na Coleção Especial Moorland-Spingarn Research Center. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5780>. Acesso em: 27 abr. 2026.

Trapp, Rafael Petry. Dorothy Porter e a constituição de um campo bibliográfico sobre o negro no Brasil e nos Estados Unidos (1943-1978). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 41, n. 88, p. 251-274, 2021.

